

AGENTE EXTERNO / SUJEITO (PRÉ)POSICIONADO¹

Maria Cecília Diniz Nogueira ²

Reflexões sobre a ação do agente externo junto a comunidades, considerando o seu papel de intelectual. A preposição, enquanto categoria gramatical, indica diferenças de formatos de ação e enquanto signo revela que o agente externo atua dentro dos limites da sua posição política, que é determinada historicamente.

“Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível [...] Se há uma unidade entre a leitura e a escrita, como hoje se pensa facilmente, se a leitura é a escrita, esta unidade não designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o é que une a leitura à escrita deve descosê-la.”

Derrida

Penso que é na interseção entre teoria e prática que reside, por excelência, o espaço de construção do conhecimento, o espaço de exercício do conhecimento. E é nessa perspectiva que venho desenvolvendo ações junto a uma comunidade³ destituída de poder, seja

1 Palestra proferida no 2º Congresso Latino Americano de Biblioteconomia e Documentação e 17º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Belo Horizonte, Brasil, em 13. abr. 94.

2 Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

poder da ordem do econômico e do político, seja poder da ordem da leitura e da informação.

No processo de atuação junto a comunidades assim configuradas, uma indagação, cada vez mais, vem se fazendo presente: qual é o papel do agente externo, que formato e que conteúdo têm marcado a sua ação? São três questões que compõem um questionamento. Nesse caso, agente externo é visto enquanto sujeito não pertencente a determinada comunidade, o qual exerce alguma ação *para/na/com* essa comunidade. É ainda visto enquanto intelectual dentro da concepção de Gramsci.⁴

Considerando a abordagem gramsciana, são intelectuais os profissionais da informação, portanto, bibliotecários e cientistas da informação, bem como comunicadores, escritores, editores, professores e demais profissionais cujo exercício se fundamenta na mediação das relações sociais, via ideologia. São em última análise, os agentes da superestrutura, instância de elaboração e divulgação de concepções de mundo.

Desenvolvido esse marco teórico, retorno à minha indagação: no nosso campo de ação, o agente externo tem atuado mais em que sentido: *para* a comunidade, *na* comunidade ou *com* a comunidade? Embora a preposição não seja vista como palavra-chave, tem força para desvelar o formato da participação do agente externo numa comunidade. Desse modo, para problematizar a questão, lanço mão do

3 Trata-se de uma prestação de serviço junto ao Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG, através do Carro-Biblioteca, em São Benedito, Distrito do Município de Santa Luzia – Minas Gerais.

4 Para Gramsci,

- todo homem é intelectual. Por mais rotineira que seja a tarefa desempenhada, esta requer intervenções da natureza do intelectual. Desse modo, não dissociando o fazer do saber, rompe-se com o senso comum, ampliando-se a visão do intelectual;
- intelectual, em última instância, são os responsáveis pela elaboração e difusão de ideologias, isto é, concepções de mundo que dão sustentação às relações sociais;
- intelectual, portanto, tem por competência garantir a mediação entre as relações sociais, via ideologia;
- atuando na e pela ideologia, o intelectual tem a sua ação fortemente marcada pelo caráter político;
- não sendo neutra a ação do intelectual, esta pode emprestar força à perpetuação da ordem estabelecida ou privilegiar a transformação social;
- o conteúdo e a forma da prática do intelectual é que definem a direção política da sua ação.

recurso da “preposição” como artifício diferenciador das possibilidades de atuação do agente externo: uma ação *para* a comunidade diferencia-se de uma ação *na* comunidade? Por outro lado, uma ação *com* a comunidade diferencia-se de uma ação *para e na* comunidade?

Assim, buscando refletir sobre essas diferenças e tomando a preposição como mecanismo auxiliar, uma ação *para e na* comunidade tem caráter assistencialista. Trata-se de ações que resultam em manter a relação de dominação – seja com base em classes sociais, seja com base em segmentos sociais, tais como relações entre raças, homem e mulher, professores e alunos, pais e filhos, profissionais da informação, seus leitores, usuários ou clientes, seja em termos de relações entre países. São formas de atuação nas quais o agente externo está muito centrado nele mesmo. Ações que buscam deslocar a sua angústia – angústia do ser frente ao mundo, frente a si mesmo, angústia de se constituir enquanto sujeito não sujeitado – uma vez que superar esta angústia é uma impossibilidade. É um formato de ação que ainda não promove a partilha do poder.

Por fim, temos a situação de uma ação *com* a comunidade. Trata-se de uma relação que se dá dentro de certos limites, tendo também a comunidade como base. A ação do agente externo deve contemplar situações como:

- instigar a busca de conhecimento
- deflagrar a reflexão
- provocar a autoconscientização
- mobilizar atos e movimentos
- rastrear possibilidades
- testemunhar a transformação

É uma ação com o conteúdo de uma relação educadora na qual o agente externo e a comunidade se colocam como aprendizes: ensinam, aprendem, apreendem, compreendem – *juntos*. E é assim que tateiam o real:

- experimentam ensaios e erros
- desalojam concepções e práticas
- vivenciam presenças e ausências
- introduzem o novo
- vacilam na caminhada
- subvertem valores, invertem fórmulas
- desenham novas formas, arquetam outros formatos

Trocam os sinais e compondo a pauta no aqui e agora, o agente externo e a comunidade são deflagradores de movimentos e

experimentadores de atos. Trata-se de uma provocação mútua envolvendo os dois pólos com a orientação do princípio da descoberta e não só do já vivenciado. O espaço de ensinamento é garantido, o espaço de aprendizagem é exercitado. Os limites das ações do agente externo e da comunidade não são forjados a priori e sim edificados num movimento contínuo de aproximação e distanciamento, entrelaçando saber e fazer, ensinar e aprender. E no balanço deste vai e vem, tecido e esgarçado com o viés da reflexão, os fragmentos do experimentar e do refletir, movidos tanto pela presença como pela ausência, oferecem substâncias para recomposições, compondo outras totalidades – para o agente externo e para a comunidade – ao mesmo tempo que esta totalidade se decompõe incessantemente, deslizando em desdobramentos – desfigura-se, sem a ilusão da resolução das tensões, mas retirando dessas o poder de criação. Assumem-se outras figurações.

É um processo. É um processo marcado pela descontinuidade – concepções, valores e padrões introjetados convivendo com outras formas de se experimentar no mundo. É um processo entrecruzado pela intersubjetividade. É um processo marcado pelo vazio enquanto espaço a ser preenchido pela própria comunidade. É uma aposta na construção de outras possibilidades de fazer, conhecer e sentir. E como aposta, sem certezas, sem verdades pré-fabricadas.

Tendo como referencial o conjunto das abordagens então feitas, podemos assim sintetizar a nossa indagação: na nossa sociedade, no nosso campo de atuação, qual é o formato prevalecente nas nossas ações:

- caso seja a ação no sentido de uma atuação *para* e *na* comunidade, que ações devemos adotar para romper o círculo vicioso e viciado?
- caso seja predominante a ação *com* a comunidade, como explicarmos a forte desigualdade social, que se manifesta através de indicadores tais como: distribuição de renda, índice de analfabetismo, média de repetência e exclusão nas escolas, incompetência de leitura, impossibilidade de releituras, exacerbção de nacionalismo, de convicção religiosa e racismo, ou o gap tecnológico entre países?

Além do recurso da “preposição” como categoria gramatical, se recorreremos ainda à leitura da preposição enquanto signo, apreendemos que o signo preposição nos remete à idéia de uma pré-posição, ou seja, uma posição configurada a priori: o agente externo carrega

consegue uma concepção de mundo (ideologia) determinada historicamente pelo contexto social de uma historicidade particular e pelo contexto de sua história de vida, que lhe é singular. É uma posição política. Posição esta com contornos determinados anteriormente, que circundam o agente externo, circunscrevendo a sua ação, que se inscreve como um ato político.

Assim, tanto a “preposição” enquanto categoria gramatical pode ser um indicador da forma e do conteúdo da ação do agente externo, como enquanto signo pode possibilitar revelar que a ação do agente externo é atravessada pela sua (pré)posição política, que toma corpo através da sua atuação – através da ação, coloca-se em cena a concepção de mundo. E a interpretação?

Nessa perspectiva, não podemos deixar à margem outro bloco de indagações: como profissionais da informação, pesquisamos comunidades, bibliotecas, centros de informação e instituições similares; estudamos leitores, usuários, clientes; prestamos orientações sobre o uso de sistemas de informação, seus acervos, documentos e informações. São ações centradas na comunidade, instituições, leitores, acervo, documentos, informações. São ações centradas nas demandas dos usuários. Matérias-tema de um outro?

E quanto às nossas próprias concepções e ações? E quanto às nossas ofertas? Não seria o caso também de nos debruçarmos sobre nós mesmo? Não seria o caso de considerarmos que as demandas dos usuários podem estar embutidas nas nossas ofertas? Não seria o caso, então, de procedermos a uma releitura dos nossos procedimentos, dos procedimentos por nós adotados? Enfim, mais do que dizermos o que fazer e mais do que fazermos, entranharmos na releitura dos nossos registros internos? Adentrarmos pelo nosso olhar, nos focalizarmos enquanto intelectuais? Não seria o caso, então, de interrogarmos a nós mesmos enquanto sujeitos?

- as nossas ações são atravessadas pela paixão? São animadas pelo prazer? Presididas pela ousadia?
- o nosso caminhar possibilita vivenciar vazios num continuum de presença pontilhada pela ausência?
- a nossa trajetória pela socialização das oportunidades é orientada pelo sabor da sabedoria do saber da espera? E deste modo, sem os chamados resultados no imediato, sem retornos transparentes e respostas quantificáveis?

O desafio já se instalou:

desejamos, com vontade política, compartilhar o poder? Ou a partilha do poder é investimento de alto risco? – Agente externo, sujeito (pré)posicionado – desconhecido de si mesmo? Reconhecido socialmente?

“De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisões; a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, reversível, o discurso será incompleto.”

Roland Barthes

External social agent – (pre)positioned subject

Reflections on the action of the external social agent in a community, taking in consideration his/her intellectual role. The “preposition”, as a grammatical category, is utilized as a resource to disclose differences in action while as a sign reveals that the external social agent operates within the limites of his/her political attitude, which is historically determined.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BARKHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- 2 BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Agidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, c 1964.
- 3 BAUDRILLARD, Jean. *A sombra das maiorias silenciosas*. Trad. Suely Bastos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, c 1978.
- 4 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- 5 GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.